

A Escola de Ponta-Cabeça Desterritorialização do Pátio Escolar

Roberval S. Santiago – UFCG

“... Arrecadando fundos financeiros, por meio de cotas mensais, Marquinho acabou organizando o time de futebol da escola durante os intervalos das aulas.”

“... Preocupada com a situação social, Rosimere não mediu esforço para sensibilizar os alunos do pátio escolar a corroborar com o projeto comunitário da professora Sílvia.”

“... Semanas depois de ser advertido junto à direção, Felipe voltou a exercitar sua fama de valentão coagindo a garotada no pátio da escola.”

As conjecturas ficcionais acima descritas, à primeira vista, parecem irrelevantes, exceto, mediante uma proposta pedagógica formativa diferenciada e relacionada a uma nova visão educativa de modalidade informal, cuja ampliação do conceito de educação e cultura desterritorializa a exclusividade do processo de ensino-aprendizagem da sala de aula. ⁱ Uma perspectiva pedagógica igualmente vinculada a uma dimensão histórica sócio-cultural cotidiana das práticas sociointeracionistas espontâneas circulante no ambiente público e, diante disto, a análise muda de figura.

Levando em conta as situações imaginadas, possíveis relações decorrentes do pátio escolar, como práticas de sociabilidade, cooperação, espírito de organização e, ainda, foco de tensão e conflito. Neste caso, as práticas sociais que circulam livremente pelo pátio da escola durante o breve interregno do recreio (dez a quinze minutos) apontam para um conjunto difuso de ações formativas que ocorrem fora do olhar do professor e dos demais especialistas da educação.

Relativo ao marco teórico da História da Educação, a fortiori, nossa investigação baseou-se nos trabalhos dos historiadores José Carlos Libâneo e Franco Cambi. Autores cujos propósitos das obras perpassam a descrição histórica dos processos formativos do homem, tendo em vista a ampliação do conceito de educação como sendo parte integrante do processo da jornada de sociabilidade e humanização. Quanto à reflexão relativa à capacidade do indivíduo de desenvolver e efetivar a produção, a reprodução e a aquisição dos mais diversos conhecimentos e saberes nas

mais variadas modalidades formativas, nos ancoramos no pensamento de Paulo Freire.

E por conseqüência, se a proposta do tema envolve a educação sóciointeracional, não poderia faltar o pensamento de Lev Semionovich Vygotskiy. Em particular, a perspectiva da qual o autor analisa a formação educacional espontânea sóciointeracionista relativo ao contexto histórico onde o individuo desenvolve formas de aprendizagem. E no tocante a crítica e a reflexão da oposição entre a normativa disciplinar da sala de aula moderna e a espontaneidade da educação informal, selecionamos uma obra de Tomaz Tadeu da Silva. E para o recorte de desconstrução do imaginário da cultura escolar (entendida como a escolarização fundamentada na leitura e na escrita) que apresenta o pátio escolar igualmente ao lugar do lazer, do ócio e do hedonismo, recorreremos a “teoria da desterritorialização”. Uma teoria que já vem sendo estudada, mapeado, apresentada por alguns historiadores da área sócio-cultural cotidianizada, sendo Micheul de Certeau, um exemplo desse novo enfoque historiográfico. ⁱⁱ

Os historiadores da educação têm descritos os ritos iniciáticos dos povos primitivos como o lugar da aprendizagem espontânea. E não havia a separação entre o momento do saber, ambiente dominado pelo mestre-guerreiro, do momento de descontração e repouso do jovem aprendiz. Os valores de cultivar as ações de solidariedades e o espírito de cooperação permeavam todo rito iniciático. A mesma situação ocorrera durante a *Paidéia* clássica (arte peripatética) e a escola medieval, isto é, tanto os pupilos quanto os mestres partilhavam do mesmo ambiente da aprendizagem do lazer. ⁱⁱⁱ

Não há dúvida sobre a existência do senso comum a respeito pátio escolar ficar restrito ao corpo discente durante o intervalo, enquanto os professores reservam-se a sala de reunião. No entanto, não faz muito tempo, Paulo Freire advertia aos agentes envolvidos na educação sobre exacerbação do cumprimento das regras e da postura autoritária exercida pelo professor na sala de aula. Atitudes bancárias de pouca serventia ao desenvolvimento do sujeito autônomo. ^{iv}

A cultura escolar hierarquizada que privilegia a práxis do professor tendo a sala de aula como o exclusivo ambiente do desenvolvimento educacional atém-se a um referencial histórico, a modernidade. As doutrinas educacionais dos iluministas instituíram a pretensão de formar o homem racional, livre, autônomo, laico, científico, o individuo soberano. E a sala de aula fora eleita como o fórum responsável pela aprendizagem, à produção do conhecimento e ascensão social.

Contudo, antes de descrevermos a compreensão dos elementos que compõe os processos culturais formativos circulantes no pátio escolar, seria prudente advertir: primeiro, as proposições que serão levantadas não são de caráter generalizador;

segundo, boa parte das questões anunciadas, advém de leituras sobre a educação informal, especulações, observações, conjecturas problematizadas e troca de opiniões com os colegas professores.

O pátio escolar não é só o ambiente da espera, do cochicho, da cabulagem, da novidade, da malandragem, da preguiça, mas também é um locus pedagógico interpessoal alternativo espontâneo. * Um ambiente vivo. O pátio pulsa vida. É um recanto pedagógico de expressão, sonho, conflito, desejo, fetiche, reificação, acomodação, transgressão, um micro-cosmo. Nele há um trânsito cultural circulando em todas as direções.

O pátio é o outro gênero, o diferente. E com tal, ele integra, destrói, celebra, inibe e partilha competências, desenvolve habilidades, inventa e reinventa visões de mundo e estilo de vida. Ambiente cultural desterritorializado onde o coletivo não elimina o indivíduo.

Durante o intervalo das aulas as paredes do pátio escolar são borradas por desenhos obscenos, obras de artes, frases de denúncias de libertinagens, grafites de insultos, poemas suicidas, nomes falsos, pronomes alienígenas, pseudônimos vítreos, juras de amores perdidos, paixões desencontradas, dores do ser, ideogramas confusos, linguagens difusas e paradoxos de comunicações de todas as formas e idiomas.

Suas colunas são riscadas com recados e avisos conforme a disposição de quem o visitar. O pátio escolar é o patrimônio memorial-sensível, o tablado sagrado dos concluintes e dos que estão por vir. E nada pode ser tão averso quanto a sua definição formal.

A pedagogia tradicional e, também, a pedagogia crítica, têm tratado a escola como um instrumento racional do domínio da leitura e da escrita. Os resultados são metrificados, quantificados e classificados. Todos sabem que no final da aprendizagem o aluno é submetido a uma bateria de avaliações recorrente a critérios de excelências meritocráticas cujos resultados são classificatórios e excludentes. ^v

Na hora do recreio o pátio pode ser o pior ou melhor lugar do mundo. Uma vez estando nele, rompe-se com autoridades e todo tipo de camisa-de-força. Nele não há professores, psicólogos, orientadores, diretores, secretárias, policiais ou qualquer agente da ordem. No ambiente do pátio, o poder produz e reproduz o cenário da contingência, reinventa a metáfora da salvação e de perdição.

Não sejamos ingênuos, no pátio, durante o intervalo da aula, pode rolar droga, prostituição, crimes, traição e bondade. Nele está também velado o duelo entre o Vício e o Virtus. O pátio é um mercado, esconde botija, vende-se bugingagas, negocia-se ilusão, se troca figurinhas, partilha-se botim, mata e morre. Nele nada é perpetuo, é tudo transitório e contingente.

Na hora da recreação o pátio não tem dono, é terra-de-ninguém. O pátio pode ser um campo minado, terreno movediço, recôndito da brincadeira de roda, do mata-borrão, do futebol, da perna-de-pau, do flâneur, da armação, o playground da liberdade. Nele se joga ganhando, perde-se aprendendo, ensina-se amando, aprende-se odiando; cada lição pode emancipar e destruir o indivíduo. Nele não há desperdício, tudo é aproveitado. Na quadra do pátio, coberta ou céu aberto, abriga-se um conjunto de saberes dissincronizado desafiando toda vã filosofia.

Aventurar-se pelo pátio escolar e correr perigo. Ele consagra heróis, dessacraliza mitos, atribui mérito, nomeia bandido, caça vantagem, promove baderna, estimula alegria, distribui pancada, eterniza corações e mentes. Ele é o império da fuga. A república dos bonachões. O oásis da dos fanfarrões. Espaço da truculência e do arbítrio. Nele há vontade de poder e impulsos de tensão. O oxigênio respirado no pátio é pura testosterona misturada ao surto de adrenalina.

No decorrer do intervalo, vale dizer, o pátio escolar não é apropriadamente um ambiente alfabetizador, mas sim, um locus pedagógico espontâneo cujos processos formativos se articulam através da espontaneidade e de brincadeira.^{vi} O pátio pode ser o lugar da livre expressão, do sonho, do conflito, do desejo, do fetiche, da retificação, da acomodação, da transgressão; pode ser o micro-cosmo.

Desterritorializado de sua dimensão física, as relações interpessoais que circulam no pátio, entre um intervalo e outro, se entrincheiram no lúdico e na festa da vida. Nele não há fronteira que esbarre a ressonância dos que cantam, dançam e escrevem. No pátio o hedonismo se faz diferente. O ócio torna-se um campo alternativo de utopias brandas e de sonhos individuais. O pátio não tem sexo, não tem cor.

Retomando Freire, no sentido de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o pátio é um lugar onde acontece várias leituras entre alunos-intelocutores. Neste contexto imbricam-se os mais diversos níveis de letramento,^{vii} em que os alunos usam e praticam as modalidades oral e escrita da linguagem. No pátio, o letramento ocorre no sentido espontâneos, construindo nas práticas cotidianas, diferentemente do que ocorre no locus de sala de aula, automaticamente.^{viii}

Em termos não-convencionais, o pátio escolar é o lugar da descoberta da sexualidade, paraíso dos virgens, lembrança da masturbação, queda dos machões, passarela das Barbes, progresso do vício, refugio do não-ordenado. Ele pode vir a ser um campo fértil da possibilidade, de promessa e de dimensionalidade cultural globalizada.

Considerando a produção da cultura indissociável da educação espontânea relativa ao desenvolvimento histórico sociointeracional da experiência humana, não se pode falar num suposto lugar ou mesmo de um agente responsável/exclusivo pela aprendizagem.^{ix} Sobrepondo-se a isto, todo projeto de construção cultural do homem

decorreu entre a mediação do meio natural e a sua ralação histórico-social. E não se pode negar que isto tenha uma relação com a produção artística.

Nesse aspecto, toda expressividade de arte desenvolvida no pátio escolar não têm fronteiras, são artefatos polissêmicos e mosaicos. Não há no pátio escolar a figura do gênio criador, e sim, do inteligente propositor/provocador. Suas cores perpassam o pecado e a redenção. Aridez e transcendência. Se o pátio fosse uma vaga pintura, mesmo desconhecendo à tradição das escolas acadêmicas, a expressão de sua natureza morta transbordaria.

Considerando a infra-estrutura das grandes escolas, temos observado que a arte impreguinada no muro do pátio é fragmentada. O muro nunca está limpo. Suas paredes são as bordas dos desvarios, as janelas da liberdade. Nele há grafites de versos, garatujas pueris, bricolagem paródicas, fanzine plagiados, pornografias idolatradas, desenhos anônimos. Sua textura desiderativa está sempre repleta de incongruências simbólicas, frações de dígitos, códigos signatários, lampejos de ícones, retratos pastosos, anúncios de placebos enganosos, emblemas satânicos e fotografias de lolitas narcíseas.

A linguagem coloquial do pátio dispensa compreensão, interjeição, sincronia, comunicação, improvisação, reinvenção, sujeito ou lugar. Seus artífices lingüísticos são aborrecentes, rebeldes, punks, patricinhos, trapaceiros, delinqüentes, extravagantes. Não será fácil decifrá-los.

A fortiori, a compreensão que possibilita o pátio representar-se tal qual um ambiente pedagógico informal requer uma demanda de saberes interdisciplinar. O estudo do pátio escolar exige do observador uma visão topográfica sensível/perceptível/intuitiva vinculada à diversidade e a unicidade das experiências de aquisições culturais de cada pessoa e dos grupos a qual ela pertence. ^x Exige reconhecer a fusão das múltiplas experiências sensíveis desenvolvidas nas práticas habituais da vida cotidiana. Isto é um outro desafio.

O chão do pátio escolar tem manchas de chicletes multicoloridos, fuligem de festa, nódoa de brilhantina, gotícula de sêmem, marca poliesportiva, pingo de sangue, semente de marijuana, rastilho de pólvora, resíduo menstrual, sinal de esmalte, risco de pentagrama, ponta de bituca, retraço de camisinha, pó de maquiagem, papel de chocolate, mecha de plumada, cola de sapateiro, bandagem de ferimento, gabarito de prova e sobras de poemas inacabados.

Imerso do território da legalidade, no recôndito do pátio escolar, de inverno a verão, abrigam-se secretos casos conjugais, denúncias de arbítrios, rompantes de paixão, segredos de ternuras, amores mal resolvidos, dores de satisfação, plano de bandidagem, tréguas de querelas e acerto de contas. Seus passantes são feiticeiros

gritantes, cantantes, orantes, dançantes, pedalantes que comungam, circulam, bocejam e lutam.

Seus canteiros arborizados fingem que são bulevares, imitam jardins babilônicos, copiam góticas catedrais, simulam mirantes islâmicos e obeliscos egípcios. De um modo geral, a arte produzida no pátio não tem tempo cronológico, exceto à brevidade dos quinze minutos, o intervalo da aula.

As obras primas confeccionadas no pátio não têm unicidade e nem tão pouco contam com o reconhecimento do público especializado. Seus artistas desconhecem o intercâmbio, não apreciam o acabamento. No pátio não há mecenas presentes e, tanto o artista quanto a obra, são produtos descartáveis. A breve glória dos 15 minutos.

Diante de uma observação mais atenta, nota-se que a arte do pátio é provisoriamente inventada, delicadamente copiada, criativamente parodiada; os objetos são ocultamente pré-fabricados, dissimuladamente improvisados, cordialmente imitados, são simulacros do pastiche consumista. E suas formas são variáveis e infinitas. Por sua vez, os objetos artísticos produzidos durante a hora do recreio não são o que aparentam, a refuncionalização dos objetos artísticos dependem do olhar desejoso de cada expectador.

O comportamento ocioso e hedonista dos frequentam o pátio não se compara ao flâneur baudeleriano nem muito menos ao dandi Proustiano. Se a sociedade do trabalho precisou do espaço do ócio criativa,^{xi} então não há porque negar a permanente construção da imaginação formativa de estilo de vida e visão de mundo interagida durante o intervalo das aulas.

Mas, por vezes, eles são esnobes, precavidos, arrogantes, presunçosos, carbonários, extrovertidos, comovidos, imprecisos, polidos, desastrados, libertinos, escorregadios, moderados, astutos, resignados, estorvados, perspicazes, meliantes, anárquicos, indolentes, surpresos, comoventes. E ainda, são passivos intolerantes, acomodados frustrados, ingênuos insurretos, ativos descontraídos, bobos conformados, libertinos e intransigentes.

No pátio, eles se comportam como grupo de estudo, tropa de linchamento, horda predatória, equipe poliesportiva, turbas de guetos, corja de gangue, indivíduos desgarrados.

Não é fácil admitir o nível de inventabilidade dos alunos do ambiente do pátio. Como eles se sentem mais á vontade, como se mostram ilustradamente glamourosos, voluntariamente assíduo, diletante pontual, retraídos gentis, abnegados participativos, tímidos interligados, polidos cooperativos e críticos dinâmicos.

Diferentes tipos se esbarram na quadra do pátio: gordos, belos, gigantes, magros, pequenos; amargos rapazes, meninos tranquilos, encantados, moças simpáticas, anciões enxeridos e, os mais diversos arquétipos narcíseos moderno. No

limiar do pátio, seus ocupantes se deslocam em zigue-zague, picham manchas translúcidas, estranham sabores, confessam mentiras, frustram expectativas, lavam roupas sujas ao vento livre, confiscam palavra, roubam gestos, embromam atitudes, entregam-se e integram-se nos impulsos da rebeldia cósmica do coração de estudante. Nele o riso corre frouxo.

Frente a esta problematização introdutória, se por acaso alguns especialistas se propuserem a desenvolver estudos e/ou projetos político-didático-pedagógicos voltados para a temática em foco, seria prudente reconhecer a natureza educacional desterritorializada junto à participação dos seus frequentadores.

ⁱ LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, para Quê?* São Paulo: Cortez, 1998, p. 31-32. Sob a perspectiva do autor a educação precede a criação da escola. E levando em conta o contexto histórico, a educação faz parte de um processo formativo associado à comunicação, a interação e a aquisição natural e social pelos quais os membros de uma sociedade produzem, reproduzem e assimilam saberes, valores, habilidades e técnicas sob três dimensões: educação formal, educação não-formal e educação informal.

ⁱⁱ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano. Arte de Fazer*. Rio de Janeiro; Petrópolis, 1994, p. 198. Não se trata de uma teoria convencionalmente definida, mas uma perspectiva de estudo e mapeamento da produção cultural transitável a partir da experiência humana independente da espacialidade física.

ⁱⁱⁱ CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 2000, p.166. A análise investigativa do autor a respeito da educação não sistematizada ocorrida no período das aldeias permite uma disposta incursão hipotética relacionando a comunhão partilhada, entre mestres e aprendizes, nos mais diversos ambientes pedagógicos precedentes a modernidade.

^{iv} FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessário a Prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 42-44. A prática da pedagogia que busca a autonomia do sujeito não implicar a necessária ruptura com os saberes formais, porém, implica estabelecer parâmetros espontâneos, nos diversos ambientes pedagógicos, que aproveite as diversas experiências sociais que o aluno assimilou na sua condição de indivíduo.

^v PERRONOU, Philippe. *Avaliação: Da Excelência a Regulação da Aprendizagem*. São Paulo: Artmed, 1999, p. 138. A abordagem do autor referente às formas de avaliação nos permitiu reconhecer dispositivos normativos vigentes à escola moderna que inibem a criatividade do aluno. E de fato esta relação classificatória está associada a um sistema de operacionalidade que converte talento, habilidade e competência em diagnósticos meritocrático e excludentes.

^{vi} DIAS QUIROZ, Tânia. *Dicionário Prático de Pedagogia*. São Paulo: Rideel, 2003, p. 17. A compreensão de ambiente pedagógico espontâneo informal alternativo encontra-se diretamente associada desterritorialização do processo formativo educacional desenvolvido no âmbito da informalidade cuja ação criativa, a difusão e a aquisição do conjunto de saberes estão correlacionadas a uma série de habilidades, de competências e de técnicas multiculturais do cotidiano. Conhecimentos formativos poucos aproveitados pela escola formal.

^{vii} SOARES, M.B. *Letramento: um tema em Três gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 1989, p. 120-122. A autora introduz o termo letramento referindo-se as práticas de leitura e escrita nos mais diversos contextos sociais e situações interacionais.

^{viii} KLEIMAN, A. B. (org.). *Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995, p. 25-26.

Nesta obra a autora questiona o ensino da prática de escrita na escola de maneira automática em detrimento de uma prática ideológica.

^{ix} VYGOTSIKY, Lev S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. p. 123-125.

Esta obra permitiu analisar os aspectos formativa do conhecimento humano. Isto é, tendo em vista a produção cultural do homem como resultado do seu processo histórico, as formas variáveis assim como os diversos ambientes pedagógicos de aprendizagem (observar, imitar, requisitar, inventar, etc.) também estão associadas a ordem social. A educação não só como uma interação ligado a linguagem simbólica como também a mediação da experiência do fazer cotidiano.

^x MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 72-74.

A abordagem do autor configurando a razão sensível possibilitou a observação crítica da razão sistêmica de ordenação e regulação dominante, incluindo a cultura escolar, sem a perda dos importantes critérios análogos racionais associados à reflexão, a conjectura e a dedução no que concerne identificar as diferentes categorias de análises teóricas preocupadas com o estudo da crise dos paradigmas constituintes da modernidade.

^{xi} De Masi, Domenico. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p. 98.

Na perspectiva do autor, analisando a sociedade do trabalho, o tempo do lazer e as atividades fora do setor produtivo, resultante das novas relações de trabalho devido ao desenvolvimento tecnológico, ajudou na imaginação criativa.